

HIDRELÉTRICA DE TUCURUÍ

Eletronorte rouba Parakanã

Como definir a situação dos Parakanã, hoje? Trágica? E pouco para expressar tudo o que vem acontecendo com esse povo tupi, que vive no Pará, desde os primeiros contatos com os "brancos" até a invasão de seu território, patrocinada pela Eletronorte, que está construindo a barragem de Tucuruí.

O primeiro grupo de Parakanã foi contatado pela Funai em 1970, quando a Transamazônica já atravessava o território indígena. Esse povo tinha feito contatos esporádicos com a sociedade envolvente a partir de 1927, com o início da construção da ferrovia E. R. Tocantins, que cortou as terras deles. Quando a Funai iniciou o contato, havia 200 índios nesse grupo. Um ano depois, apenas 92 tinham conseguido sobreviver. Em julho de 1971, foi criada a Reserva Indígena Parakanã, demarcada somente quatro anos depois, com um total de 189.681 hectares - reduzindo-se a área onde viviam os índios. A gripe e a malária, além da gonorréia, transmitida tanto por trabalhadores da estrada como por funcionários da Funai, reduziram esse grupo para 82 pessoas, em 1982. Ficou ainda um saldo de oito crianças que nasceram cegas, após se difundir a blenorragia na aldeia.

Até 1973, foram obrigados a mudar o local do aldeamento por três vezes. A aldeia Paranati, onde vivem hoje, é o sexto local de transferência. Fica a 8 km de uma variante da Transamazônica. As frequentes idas à estrada contribuíram para que se espalhasse na aldeia a poliomielite, que deixou seqüelas em seis pessoas.

Em janeiro de 1976, uma



Durante o contato, mortes e transferências, depois invasão do território

outra parte do povo Parakanã foi contatada pela Funai nas proximidades do rio Anapu, próximo a Altamira. Foram transferidos para a Base Avançada de Pucuruí, por resolução da 2ª DR, em Belém. Ficaram lá até fevereiro do ano seguinte, em estreito contato com a população da vila de Pucuruí. Foram meses de intenso estado de deapauramento físico, com gripe, malária, disenteria. Dos 40 índios contatados em Anapu, 29 chegaram à base, extinta em 1977, quando foi substituída por um projeto de serra-ria. Em 1978, a Funai firma acordo com a Eletronorte e cria o Projeto Parakanã. Esse convênio visava a diminuir o impacto das mudanças bruscas que vieram com a construção da barragem. Foi colocado em prática apenas em um dos quatro anos que estava previsto.

Ainda em 1978, foi eleita uma nova reserva parakanã, com 319 mil hectares. Recuperava parte do território indígena, incluindo a região do rio Cajazeiras, onde ainda há um grupo de Parakanã sem contato e outro já contatado. Incluía também a área onde foram reassentados 706 colonos pelo Grupo Executivo de Terras do Araguaia-Tocantins (Getat), que denominou o local, com 64.100 hectares, de Gleba Parakanã. Nessa área estava prevista a implantação de um projeto de piscicultura para os índios. Mas, em 1980, a Funai apresenta outra proposta territorial para os Parakanã, desconsiderando não só grande parte do território de perambulação desse povo, mas também infringindo o Estatuto do Índio. No ano seguinte, a Funai chegou a apresentar, em reunião conjunta do Getat e Eletronorte, em Marabá, a

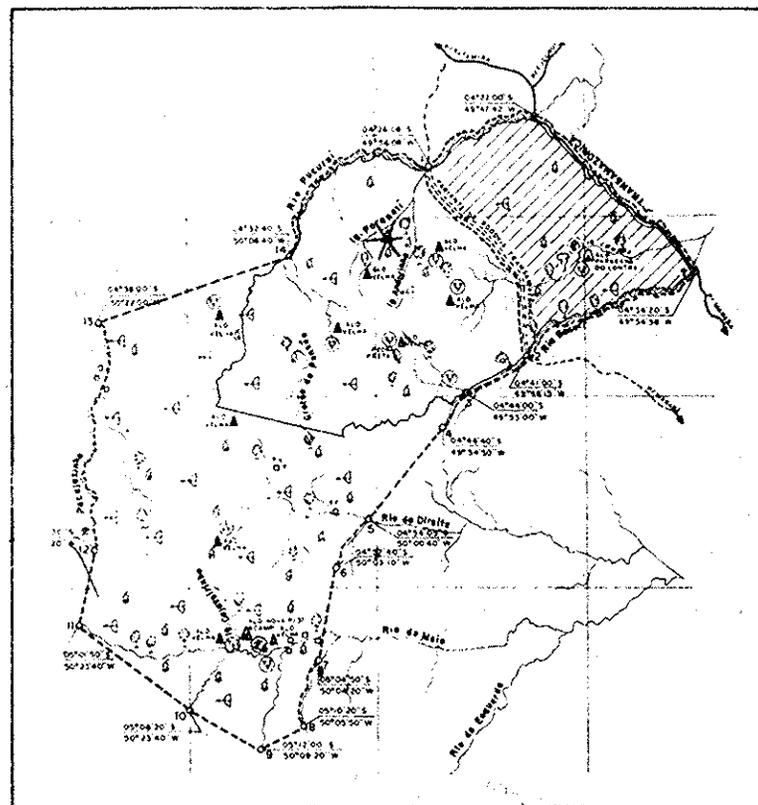
decisão de liberar a área pretendida para o reassentamento provisório dos colonos.

Em agosto e setembro pp. o órgão tutor tentou marcar uma reunião com o Getat e o "Grupão" — encarregado de definir as áreas indígenas a serem demarcadas, instituído com o decreto 88.118/83. O Getat não mandou representantes, mas informou que "tinha interesse" no trecho entre os rios Bacuri e Pucuruí, com 2 km de fundo, penetrando no "novo" território parakanã, eleito em 1978.

TENSÃO NA ÁREA

Enquanto a demarcação definitiva do território parakanã é protelada para facilitar o roubo das terras desses índios pelo Getat, na área a tensão é grande. Os índios não aceitam perder a região que consideram sagrada (atual Gleba Parakanã), pois é onde estão enterrados 54% de seu povo, mortos durante o contato. Dia 15 de outubro, mandam avisar Brasília, pelo rádio, que "Funai não gosta awaeté, amanhã vamos tirar tori". Tomaram a decisão depois de ter ido ao Getat e Eletronorte, sem que ninguém os recebesse. Passaram, então pelas casas dos colonos, avisando para desocuparem a gleba, que dia 16 iam queimar as casas e tirar todos dali. No dia marcado, foram para a estrada armados de flechas e espingardas. Depois da interferência da Funai, o conflito foi atenuado. Dia 13, os Parakanã tinham enviado a seus parentes Asurini uma fita gravada, com uma mensagem na língua comum aos dois povos. Diziam que não têm mais medo e que vão tirar os colonos de suas terras. Afirmavam ainda, na mensagem, que estavam preparados para morrer.

Estava prevista a vinda de lideranças indígenas, juntamente com um intérprete — raros deles falam ou entendem português com clareza — à sede da Funai, em Brasília, dia 30 de outubro. Uma semana antes, tinha havido uma reunião de burocratas da Funai, Getat e Eletronorte, sem a participação de representantes dos lavradores desabrigados pela hidrelétrica ou de líderes indígenas. Após essa reunião, decidiu-se que o "Grupão" se reuniria dia 31, para fazer a minuta do decreto de demarcação da área, a ser assinado em breve pelo Presidente da República. Das propostas de eleição de área, a que provavelmente seria vencedora era a dos funcionários da Funai no Pará. Essa proposta não incluía a área de piscicultura, ou seja, a Gleba Parakanã — exatamente as terras que têm gerado conflito entre índios e colonos.



Reserva Indígena Parakanã (319 mil hectares) Reserva Indígena demarcada em 1975 (189.681 hectares) Gleba Parakanã (ocupada pelos colonos). Seria futura área de piscicultura para os índios, com a alagação de grande parte das terras, em 1985. São 64.100 hectares. Aldeia Paranati Aldeia Marudjewara (próximo dela há um grupo ainda sem contato com os brancos)

Conflito entre índios e colonos é iminente

Ninguém quer brigar com os índios. A gente quer é solucionar o problema. Sabemos que eles têm direito à terra, que é deles". Esse é o pensamento dos colonos desapropriados pela Eletronorte e reassentados na Gleba Parakanã. Foi a todo momento manifestado pelos representantes dos 40 mil desabrigados pela hidrelétrica de Tucuruí e por sindicalistas rurais que estiveram em Brasília durante 20 dias, em outubro, peregrinando pelos órgãos públicos em busca de uma solução para o desespero

dos que ficaram no Pará. O drama desses 40 mil expropriados, dos municípios de Jacundá, Tucuruí e Itupiranga, começou quando a Eletronorte decidiu aproveitar o potencial hidrelétrico do Baixo Tocantins. São 246 mil hectares que ficarão sob as águas. Nessa área, além dos três municípios, estão localizadas duas reservas indígenas — Parakanã e Pucuruí —, 13 garimpos de diamantes e 13,4 milhões de metros cúbicos de madeiras nobres. O principal objetivo da Eletronorte, com

(continua à pág. 4)



O Getat reassentou lavradores dentro da Reserva Parakanã

(continuação da pág. 3)

a construção dessa hidrelétrica, é atender às empresas Alunorte e Albrás, ao Distrito Industrial de Barcarena, ao Projeto Ferro-Carajás e, com o excedente, atender à cidade de Belém e possíveis carências do Nordeste.

O drama se transformou em tragédia quando os lavradores ou moradores desses três municípios começaram a receber a indenização pelas terras ou casas que possuíam, em 1980. Alguns chegaram a receber o absurdo de Cr\$ 5.000,00 pelas casas que construíram com o maior sacrifício. Durante dois anos, não puderam plantar. Não receberam indenização pela não utilização da terra e muitos chegaram a assinar papéis em branco que, depois, foram preenchidos por funcionários inescrupulosos, constando que não tinham mais nada a receber da Eletronorte. Sem terra, com indenização irrisória, sem condições para mudar, em 1981, os expropriados começam a lutar para ter de volta as condições de vida anterior à hidrelétrica.

COLONOS X ÍNDIOS

Os problemas dos colonos com os índios começaram quando o Grupo Executivo de Terras do Araguaia-Tocantins (Getat) reassentou 706 famílias, dando-lhes "licença de ocupação" em parte da reserva indígena, hoje denominada Gleba Parakanã. Além disso, o Getat, fez dois loteamentos na área indígena, do outro lado da vicinal da Transamazônica. São 68 lotes, dos quais só 18 têm benfeitorias. As duas glebas foram batizadas pelo Getat com os nomes de Valentim e Cajazeiras.

A Eletronorte criou os problemas e o Getat chegou depois com as "soluções" que costuma levar a toda essa região de conflito de terra: colocaram os índios contra os colonos. E, para acentuar o conflito, espalham pela região

que as 706 famílias exigiram ser reassentadas na área indígena. Na verdade, os colonos nunca quiseram ir para aquela região. Reivindicavam as terras próximas à BR-422, que dá novo acesso a Tucuruí e é semelhante à área que perderam. Foram para lá por medo de perderem o pouco direito conquistado, como aconteceu a 70 famílias.

Essa política de colocar colonos contra índios e vice-versa foi denunciada por lavradores em jornais do Pará. A 23 de outubro, eles confirmaram que funcionários do Getat estavam incentivando-os a atacar os índios. Diziam que eles, colonos, eram mais de 700, enquanto que os índios são poucos. Mas, um dos colonos respondeu prontamente ao funcionário que "não é isso que queremos". O presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tucuruí, Raimundo Nonato Azevedo, reiterou essa posição, durante os 20 dias em que peregrinou pelos órgãos públicos em Brasília, dizendo que "somos amigos dos índios. Os compadres — disse ele — sempre tiveram amizade com a gente, nós somos amigão".

Durante a estada em Brasília, a comissão de desabrigados de Tucuruí foi exigir do presidente da Eletronorte o reassentamento definitivo fora das terras indígenas. Os colonos ouviram dele apenas a história de que está tudo certo com a Funai, que a empresa não tem nada com os índios. Ainda tiveram de ouvir a balela de que a Gleba Parakanã não será alagada, embora em todos os mapas oficiais conste a inundação de grande parte da área. Um comprovante disso foi o fato de, dia 16 de outubro, um advogado da Eletronorte ter ido à sede da Funai, em Brasília, para pedir que o órgão "cedesse" mais dois quilômetros do território parakanã, próximo à aldeia Paranaí, em frente à gleba onde estão os colonos.



Colonos acampados pela terceira vez, em Tucuruí, para conquistar seus direitos

Nelo Ruffaldi